

11791 - De agricultor para agricultor: a formação de grupos agroecológicos em assentamentos da Reforma Agrária do Território Leste Sergipano.

SANTANA, José Ubiratan Rezende¹; DUARTE, Juliana Maria Moreira²; FONTES, Marília Andrade

1 CFAC (Centro Comunitário de Formação em Agropecuária), Mestrando em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS), birafloresta@yahoo.com.br; 2 Mestre em Ecologia e Conservação (NPEC/UFS), amermaju@gmail.com; 3 CFAC (Centro Comunitário de Formação em Agropecuária), Mestranda em Agroecossistemas (NEREN/UFS)

Resumo:

O Território Leste Sergipano é marcado pelo avanço da cultura da cana-de-açúcar pelas usinas. Como não existem mais áreas para expansão, os usineiros vêm buscando alternativas nas áreas da agricultura familiar, o que vem desconfigurando as características culturais e tradicionais da agricultura familiar camponesa. Pensando na transformação desse quadro e na construção de um processo de desenvolvimento rural baseado na sustentabilidade, apresenta-se a sistematização de uma experiência, protagonizada por assentados, de incentivo à formação de grupos de trabalho coletivo e de sistemas de produção baseados na agroecologia. A intenção é adotar uma estratégia já desenvolvida em países como Cuba, Nicarágua e Chile, onde os processos de construção do conhecimento agroecológico são desenvolvidos *de campesino a campesino* (de agricultor para agricultor).

Palavras -Chave: Agroecologia, intercâmbio, *campesino a campesino*.

Contexto:

O território Leste Sergipano é o menor do estado, responsável por 7% da área territorial de Sergipe. Pouco mais da metade da população deste território reside na cidade, com uma taxa de urbanização de 55,9%. O território é recoberto por espécies vegetais de ecossistemas associados ao Bioma Mata Atlântica

A intensa substituição da paisagem original, de caráter predatório, ocorrida historicamente no estado de Sergipe, configurou a formação de um quadro de grande devastação florestal. Segundo pesquisa realizada para formação do Diagnóstico Florestal de Sergipe restam apenas 13% de vegetação nativa no Estado (SEMARH, 2010). Entre as principais causas dessa devastação estão as áreas destinadas à agricultura e pecuária, sobretudo das grandes fazendas, e o setor imobiliário. Tal situação exige cautela na forma de lidar com a terra, especialmente para os pequenos agricultores, que se vêem na constante missão de garantir a proteção dos fragmentos de mata ainda existentes, assim como, de desenvolver trabalhos de formação de consciência para o uso sadio e manejado desses remanescentes.

O território Leste sergipano conta com sete assentamentos da Reforma Agrária (Tabela 1).

Tabela 1: Assentamentos da Reforma Agrária do Território Leste Sergipano, com suas respectivas áreas e número de famílias.

Assentamento	Área	Número de famílias
José Emídio dos Santos	3.130,8421	280
Casulo	127,0000	46
Flor do Murici	773,75	80
Ivan Ribeiro	635,0942	43
Treze de Maio	482,3378	41
Caraibas	2.152,1461	115
São Sebastião	610,3120	28

Fonte: INCRA, 2010.

Um grande risco ao agravamento da desordem ambiental do Território Leste é o avanço da cultura da cana-de-açúcar pelas usinas. Como o Território é relativamente pequeno, não existem grandes áreas para a expansão da fronteira agrícola, obrigando os usineiros a buscarem alternativas nas áreas da agricultura familiar. Este processo vem ocorrendo basicamente de três formas: parceria, arrendamento ou compra garantida da cana-de-açúcar.

Percebe-se aí uma desconfiguração das características culturais e tradicionais da agricultura familiar camponesa, onde esta deixa de ser sujeito do processo produtivo e passa a ser objeto da especulação econômica das usinas.

Pensando na transformação desse quadro e na construção de um processo de desenvolvimento rural baseado na sustentabilidade, que respeite os recursos naturais e que garanta a autonomia dos pequenos agricultores, apresenta-se a sistematização de uma experiência, protagonizada por assentados, de incentivo à formação de grupos de trabalho coletivo e de sistemas de produção baseados na agroecologia.

Descrição da Experiência:

Desde o início do ano de 2011 que extensionistas e agricultores orgânicos vêm elaborando um plano de ação para a disseminação da agroecologia nos assentamentos da Reforma Agrária do Território Leste Sergipano. Esse processo teve início ainda em 2009, com a construção teórica e prática da agroecologia nos assentamentos da região, através de cursos, acompanhamentos e oficinas. A intenção é adotar uma estratégia já desenvolvida em países como Cuba, Nicarágua e Chile, onde os processos de construção do conhecimento agroecológico são desenvolvidos *de campesino a campesino* (de agricultor para agricultor) (Holt-Gimenez, 2008).

De acordo com os ensinamentos do método *campesino a campesino*, “*Cuando el campesino ve, hace fe*”, para que novos agricultores passassem a se integrar na dinâmica produtiva da agroecologia, se fazia necessário que experiências concretas pudessem ser vistas, tocadas e discutidas entre sujeitos que fizessem parte da mesma dinâmica social, ou seja, de agricultor para agricultor.

O processo inicial para materializar as experiências e criar os agricultores-referência foi

fortalecido entre 7 agricultores do Assentamento 13 de Maio, sendo duas experiências individuais e uma em forma de coletivo, com o grupo de mulheres do assentamento. A identificação dos agricultores com potencial para trabalhar a agroecologia foi sendo desenvolvida através do acompanhamento das atividades realizadas pelos mesmos, como experiências com horta sem insumos químicos, inserção de árvores no sistema produtivo, plantio e beneficiamento de ervas medicinais, produção de biofertilizante e minhocário.

A partir da incorporação dos princípios básicos da agroecologia, da materialização das experiências práticas em campo e da sistematização dessas experiências, é chegada a hora de agregar novos agricultores à agroecologia. Nesse momento, o extensionista tem papel fundamental, no entanto, não é ele quem vai “ensinar” agroecologia para os agricultores, nem capacitar, ou muito menos despertar suas consciências. O extensionista é o responsável por articular a troca de saberes, por fazer com que agricultores e agricultoras conheçam as experiências agroecológicas que são realizadas por outros agricultores experimentadores e que os sujeitos dessas experiências possam expor o que se desafiaram a fazer desde o início, explanando os êxitos e as dificuldades de todo o processo, trazendo assim, outros agricultores a experimentarem e transformarem suas práticas convencionais em práticas agroecológicas.

Sem investimentos e sem projetos, apenas com recursos próprios dos agricultores e extensionistas, diversos encontros foram viabilizados. Agricultores de três assentamentos (José Emídio, 13 de Maio e São Sebastião) de municípios distintos (Capela, Japaratuba e Pirambu, respectivamente) fortaleceram suas práticas com visitas de intercâmbio e troca de experiências. As visitas podem ser divididas em 3 momentos:

a) Visitas às experiências dos agricultores-referência. Como as referências estavam no assentamento 13 de Maio, foram realizadas visitas de agricultoras do assentamento José Emídio às experiências da assentada Gisélia, do Grupo de Mulheres e do assentado Gabriel. Na primeira, no lote da agricultora experimentadora Gisélia, foi trabalhado o tema das ervas medicinais, onde foram observados e discutidos os plantios, os diferentes usos e as formas de beneficiamento já trabalhadas pela mesma, como sabonetes, xaropes, *vick* e óleos de massagem. A segunda visita foi ao Grupo de Mulheres, onde foram discutidas as dificuldades e os benefícios de trabalhar em coletivo, neste caso, num coletivo de 5 mulheres que desenvolvem trabalhos com hortas orgânicas. Ao longo da visita foi observado em campo a dinâmica do coletivo e os cultivos desenvolvidos. O grupo explanou os ganhos que adquiriram com a comercialização ao se tornarem agricultoras orgânicas cadastradas nos Organismos de Controle Social (OCS). A terceira visita foi ao agricultor experimentador Gabriel, que num processo mais avançado, vem trabalhando a integração total de seu sistema, que envolve criação de gado bovino, aves, abelhas e porcos, produção de hortaliças, roças, espécies arbóreas frutíferas ou não, além da produção de adubos orgânicos como o biofertilizante e o húmus provindo do minhocário. O assentado Gabriel vem redesenhando seu lote para melhor aproveitar todos os elementos do sistema.

b) Ida dos agricultores-referência até os assentamentos da região para incentivar a produção agroecológica. Esse intercâmbio teve como objetivo maior a formação e fortalecimento de grupos de trabalho em agroecologia e teve como sujeito principal a assentada Gisélia, que percorreu três assentamentos levando a discussão das plantas

medicinais como estratégia inicial para formação dos grupos. No assentamento Caraibas foi realizada uma discussão sobre os perigos dos agrotóxicos (devido ao forte plantio de cana-de-açúcar no assentamento), a importância de trabalhar com as plantas medicinais e os benefícios de uma agricultura de base agroecológica. No assentamento José Emídio, foi discutida a inserção das plantas medicinais no plantio de hortas e a importância que o grupo existente se fortaleça para que a produção orgânica já desenvolvida passe a ser comercializada. No assentamento Agroextrativista São Sebastião foi realizado o incentivo à formação de grupos de trabalho coletivo e o planejamento para a realização de plantios de ervas medicinais nos quintais produtivos. Em todos os assentamentos a assentada Gisélia abordou a importância em se trabalhar os quintais produtivos, garantindo o empoderamento das mulheres e a segurança alimentar das famílias.

c) Visitas de grupos diversos para as experiências dos agricultores-referência. Devido aos seus êxitos ao longo do tempo, os agricultores experimentadores passaram a receber visitas de grupos diversos, como a Pastoral da Criança, turmas da Universidade Federal de Sergipe (UFS) dos cursos de Agronomia, Engenharia Florestal, Biologia e Geografia, além do grupo EVA (grupo de agroecologia da UFS), de faculdades particulares da região, da equipe de reportagem do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), dentre outros.

Tais ações vêm possibilitando a construção de uma nova dinâmica no Território Leste Sergipano, onde os assentados, com recursos próprios, vem incentivando que outros agricultores se permitam adequar os sistemas produtivos à realidade da agricultura familiar camponesa, respeitando suas particularidades, construindo uma nova relação com os recursos naturais, que protege e conserva as florestas ainda existentes, garantindo acima de tudo a valorização do conhecimento do agricultor.

Resultados

A construção do conhecimento agroecológico realizada através de intercâmbios de conhecimentos, fazendo uso do método *campesino a campesino*, vem proporcionando novas orientações para os trabalhos de extensão rural no Território Leste Sergipano. Desconstruindo a convencional transferência de tecnologia, a referida experiência vem proporcionando um novo método de trabalho e um novo desafio para os extensionistas: reavaliar as estratégias utilizadas em campo para construção da agroecologia em ambientes de agricultura familiar camponesa.

A continuidade dos intercâmbios de conhecimento, aliada à sistematização das experiências e dos processos desenvolvidos em campo, pode ser capaz de propor novas linhas de ação nos territórios, tanto por parte dos extensionistas quanto por parte dos agricultores.

Com o aprofundamento do método ao longo do tempo, pretende-se construir estratégias para frear o avanço do setor canavieiro em ambiente de agricultura familiar camponesa, garantir a autonomia e a valorização do conhecimento dos agricultores, assim como, construir estratégias para trabalhar o uso sustentável dos recursos florestais ainda existentes.

Bibliografia Citada:

SEMARH, Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos. **Diagnóstico Florestal de Sergipe**, 2010.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Campesino a Campesino: Voces de Latino América, movimiento campesino a campesino para La agricultura sustentable**. Managua, 2008. p. 294.